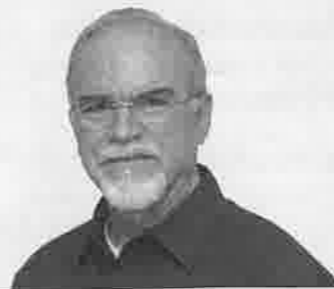


ROBERTO DAMATTA



DOMINGO, NO CADERNO 2-CULTURA: VERISSIMO, JOÃO UBALDO RIBEIRO E DANIEL PIZA

segunda-feira
MATTHEW SHIRTS

terça-feira
ARNALDO JABOR

quarta-feira
ROBERTO DAMATTA

quinta-feira
LUIZ FERNANDO VERISSIMO

sexta-feira
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

sábado
MARCELO RUBENS PAIVA

Por que gostamos de futebol?

As respostas mais óbvias têm tudo a ver com a tese do "futebol, ópio do povo" na transposição mecânica (para não dizer burra) da famosa frase do velho Marx produzida no ensaio *Uma Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, trabalho escrito nos idos de 1844. Nada mais adequado, neste momento grandioso de recordações globais e cosmopolitas, patrocinadas pela Copa do Mundo, do que lembrar o pensamento original. Nele, diz Karl Marx: "O sofrimento religioso é simultaneamente uma expressão do sofrimento real e um protesto contra esse sofrimento. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de condições desalmadas. É o ópio do povo."

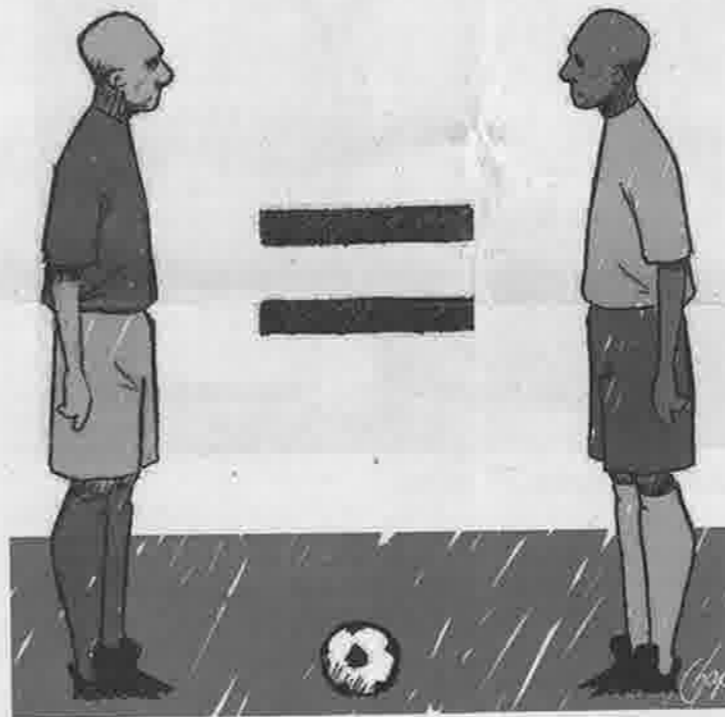
Ou seja, a religião (esse modo transcendental de ler o mundo, vendo-o como uma totalidade que abrange este mundo e o outro, o presente e a eternidade, o paraíso e o mundo real) é um modo de lidar com o sofrimento humano. Ela canaliza o sofrimento, ao mesmo tempo que realiza um protesto contra ele. Dando ao mundo, com suas desgraças, explorações e indiferença - com a sua brutal continuidade - um coração e uma alma, a religião faculta uma forma de entendimento dos seus eventos mais

perturbadores, como os acidentes e as catástrofes, a morte súbita, a doença das crianças, o triunfo dos bandidos, dos ditadores e dos crápulas.

A religião é um ópio porque, adormecendo a consciência, ela opera como um anteparo - um oásis - para a permanente dor promovida pela consciência humana do ser humano. Claro que Marx não vê na religião uma forma alternativa de conhecimento; claro que ele não enxerga o código religioso como um outro modo de resgatar o sentido contido na indiferença.

Contra um mundo sem sentido, eis que surgem os "ópios". Entre eles, os momentos rituais em que os seres humanos se congregam para fazer face aos poderes superiores das trevas da loucura, do não sentido e do caos. Daquilo que subverte e inutiliza a ordem humana. Essa ordem que tanto custa para montar, mas que se desfaz com tanta facilidade.

Eis a primeira e pomposa resposta. Gostamos do futebol porque ele é um escudo contra as mais diversas indiferenças. É um gol contra o sofrimento. É um chute na perda; na invisibilidade social que compartimentaliza e anula os denominadores comuns. Com isso, ele junta pafesricos e teoricamente "resolvi-



dos" com os povos pobres, agora reconhecidos como adversários. Pois se na guerra os combatentes destroem suas relações, no futebol o "outro" se transforma no adversário com o qual se estabelece um elo básico, às vezes estrutural. O que seria do Flamengo sem o Fluminense e da Argentina sem o Brasil? O futebol e as Copas colocam de ponta-cabeça, como revelo no meu li-

vro *A Bola Corre mais Que os Homens*, uma ordem mundial fundada na economia e na política.

Gostamos do futebol porque ele é o ópio positivo do mundo. De um lado, amortece o real; mas, de outro, inventa uma realidade ainda mais aguda, penetrante e bela. A dos estádios inaugurais com seu campos verdejantes. Esses templos da ordem onde as pessoas, como

cidadãs de seus países lidos e vividos como times, experimentam a mais plena igualdade. Um pequeno, humilde e sozido atrasado país da América Central faz gols em potenciais mundiais que inventaram um conceito de civilização fundado no afastamento da natureza e dos impulsos naturais que devem ser sublimados e "civilizados". O futebol dá um pontapé na frescura dos punhos de renda. Ele engendra seus códigos.

Gostamos do futebol porque ele nos faz comer com as mãos (digo, com os pés) o oponente. Gostamos do futebol porque o seu narcótico nos obriga ao confronto com nossas possibilidades positivas, estas, sim, totalmente alienadas de nós mesmos. Gostamos do futebol porque no seu campo as pessoas perdem, mas não morrem; ganham, mas não se eternizam no poder. Gostamos do futebol porque, ao contrário do mundo social onde vivemos, os faltosos recebem cartões vermelhos e são expulsos de campo. Nele, as infrações são visíveis e a punição chega com um apito imediato. O faltoso não tem habeas-corpus para mentir, porque no futebol não há Supremo Tribunal Federal. Seus juízes usam o mesmo uniforme dos jogadores e a torcida os confronta democraticamente.

Gostamos do futebol porque entre a lei e a sua aplicação existe apenas o espaço de um apito. Todo mundo sabe o que é certo e errado no futebol que dispensa - daí o nosso amor - interpretações e disquisições jurídicas, pomposas e ininteligíveis. No futebol, a impunidade é exceção. O formal não se confunde com o legal. O erro e a surpresa são a norma. A sorte existe. E o azar também.

Se a política é previsível, e quando não é, inventamos os mensaldões, no futebol o jogo é a própria imagem da incerteza no início da partida embora, no final, seja a mais acabada expressão de fatalidade e destino.

Gostamos do futebol porque ele transforma corpos em almas e almas em corpos. Porque ele deixa escapar um amor desabrigo e descarado relativamente ao Brasil do tambor e da bandeira. Um amor negado durante todo o ano e que, dizem os intelectuais de plantão, não cabe bem por ser sinal de basbaquice e de babaquice. Gostamos do futebol, enfim, porque ele faz chover verde-e-amarelo nas ruas mais pobres de nossas cidades. E obriga a classe média e as elites desconfiadas do amor e da entrega a desfraldarem bandeiras nacionais...

Porque, quando temos futebol, nos livramos do trabalho. ●

Música Concertos:

Toda a magia do Quarteto Alban Berg